

***O Doutor Benignus***  
**A origem do homem na concepção de natureza de Emílio Zaluar**

Ricardo Waizbort

## Introdução

Em 1875, o médico Augusto Cesar de Miranda Azevedo, em uma das *Conferências Populares da Freguesia da Glória*, defendeu que o darwinismo era necessário para explicar o lugar superior do homem na natureza e na escala dos seres. No mesmo ano Domingos Guedes Cabral, o também médico, baiano, viu sua tese de doutorado, *Funções do cérebro*, ser recusada, fato inédito na Faculdade de Medicina da Bahia, por defender posições claramente materialistas e darwinistas, dentre as quais a ideia de que o cérebro humano era o cume de um processo progressivo de evolução. Ainda em 1875, Emílio Zaluar publicou *Doutor Benignus*, romance que é considerado a primeira obra de ficção científica do país, com explícitas referências a Darwin, à sua teoria e ao espaço reservado à espécie humana no cenário natural brasileiro.

No anseio de contribuir para que o Brasil se inserisse no espetáculo da modernidade, da civilização e do progresso, nossos três autores nos legaram textos que ajudam a compreender como intelectuais do Brasil, nas últimas décadas do século dezenove, importaram idéias filosóficas e científicas da Europa com o vezo de aproveitá-las na solução de problemas pessoais e públicos. O objetivo desse trabalho é apresentar a o lugar destinado à espécie humana, na concepção de natureza contida no romance *Doutor Benignus*. Mais especificamente, busco mostrar como no referido romance Zaluar pensa entender a espécie humana como “produto da seleção natural de Darwin”. No anseio de contribuir para que o Brasil se inserisse no cenário internacional espetáculo da modernidade científica de sua época, Zaluar nos legou um texto que pode contribuir para compreender como, nas últimas décadas do século dezenove, foram importadas idéias filosóficas e científicas da Europa. As referências que Zaluar faz ao darwinismo, contudo, se distanciam em muito do uso que Darwin fez do sistema

epistemológico que inventou, e que levou a descoberta de certos mecanismos naturais, em especial a seleção natural. Não é meu objetivo, todavia, tentar mostrar que o uso que Zaluar fez do darwinismo não se encaixa no uso que cientistas europeus, como Darwin, Wallace, Huxley, Spencer, Haeckel, entre muitos outros, fizeram dele. Também o entendimento que esses autores tiveram do darwinismo não concordam (HULL, 1982). Portanto não é o caso de perguntar se Zaluar conhecia de fato o que é o darwinismo. Antes, trata-se de perguntar como ele representou o processo da evolução em seus textos, mais especificamente, como ele concebeu a evolução da espécie humana como um processo natural. Veremos que embora ele tenha de fato expressado uma compreensão superficial do mecanismo proposto pelo naturalista inglês, o romance pode ter contribuído primeiro para romper o silêncio que durante quase dezesseis anos espaçaram a publicação de *A origem das espécies*, de 1859, e o ano que tomamos como base, 1875; depois: para tonar publica idéias contidas no livro, constituindo-se assim como fonte de informação que acabaria por alimentar vários ideais da elite brasileira, entre elas a república e o fim do regime escravocrata.

### **O eclipse de *O Doutor Benignus***

Tanto no caso de Miranda Azevedo, quanto no de Guedes Cabral, um dos intuitos do uso do darwinismo parece ser o de legitimação da teoria apresentada. Ambos vêem implicações práticas e imediatas da teoria da evolução para a vida humana. No romance de Zaluar, também, o “darwinismo” que aparece na primeira página, e reaparece depois esparsamente, reflete a preocupação em incorporar o que há de mais novo na ciência. Mas o texto aqui é de natureza muito distinta do que os dos dois médicos: o texto de Azevedo é uma espécie de panfleto a favor do darwinismo, um resumo do sistema evolutivo de Haeckel; o livro de Guedes Cabral é uma tese que incorpora preceitos evolucionistas e darwinistas, apoiados também na autoridade de Haeckel e na de neurologistas europeus como Broca e Florens. Já o livro de Emilio Zaluar é um romance que narra as aventuras de um sábio homem de ciência, um tanto casmurro e de conhecimento enciclopédico.

*O Doutor Benignus*, publicado em 1875 por *O Globo*, em fascículos, relata as aventuras do personagem-título que se embrenha nas matas de Minas Gerais e de Goiás a procura de indícios da habitabilidade dos mundos. *O Dr. Benignus* não é uma obra naturalista ou realista. No Brasil, a historiografia literária concorda que o primeiro texto naturalista foi *O mulato*, escrito por Aluisio Azevedo e publicado em 1881. *O Dr. Benignus* é considerado pelo próprio Zaluar “primeiro ensaio do romance científico” sob a forma de uma “digressão humorística” nas palavras que o próprio Zaluar dedica “ao leitor” antes do início do romance propriamente dito. O modelo de Zaluar é Júlio Verne, de *Viagem ao redor da Lua*, de 1870, ou *Cinco semanas em um balão*, de 1863.

Nenhuma obra clássica de história geral de literatura brasileira sequer faz referência a *O Doutor Benignus* (BOSI, 1995; CÂNDIDO, 1993; MERQUIOR, 1979). Esteticamente falando, esse destino é justo. O esquecimento da obra é o resultado de sua estrutura tosca, do ponto de vista narrativo, embora haja no decorrer de seu curso, passagens de tonalidades bastante românticas que não deixam de ter seu valor. Se a construção ficcional é até certo ponto engenhosa o enredo ao meu ver é incapaz de prender a atenção do leitor, ao contrário do que afirma o historiador José Murilo de Carvalho, em um dos textos que precedem o romance (CARVALHO 1994, p 8). Também não é possível concordar com Carvalho quando ele afirma que a “ficção brasileira da época deixava muito a desejar” (p 9). Em 1875, quando o *O Doutor Benignus* foi publicado, romances como *Memórias de um sargento de milícias* (1854), *A luneta mágica* (1869), *O Guarani* (1857) já tinham vindo à luz. *A mão e a luva* é de 1874, e *Senhora* de 1875. Ponho romances de estilos e períodos diferentes lado a lado, apenas para mostrar que, a essa altura, a ficção brasileira não “deixava a desejar” tanto assim, e que se a estrutura picaresca de *O Dr. Benignus* não foi suficiente para garantir o nome de seu autor nos compêndios de história da literatura é justamente por que como literatura o texto realmente é fraco e enfadonho. Sua composição didática e pedagógica atravanca com informações desnecessárias e enciclopédicas o rumo da narrativa. Os personagens praticamente não têm profundidade psicológica e o próprio enredo, cheio de surpresas *ex machina*, não tem força para criar uma expectativa de resolução que prenda o leitor moderno. A recepção do romance ainda não foi estudada seriamente, mas ao que tudo indica o livro não causou grandes impactos.

Nas últimas décadas, todavia, alguns poucos escritos fizeram referência ao romance, talvez em decorrência da feliz iniciativa da editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) de publicar o livro, em 1994. Uma dissertação de mestrado (Smaniotto, 2007); cerca de oito páginas no livro de Roberto Causo (2003, p 128-135), *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil (1875-1950)*; além dos (dois) textos que antecedem, e um que sucede ao próprio romance, é toda a sua fortuna crítica. Como afirmei acima, para um estudioso de literatura a obra não desperta grandes interesses, mas para uma pessoa envolvida com as formas que a ciência européia foi interpretada no Brasil em fins do século XIX, *O Doutor Benignus* pode ser considerado uma preciosidade pois de certa forma dá acesso a uma mentalidade que compreendeu o darwinismo de uma forma peculiar, uma forma que irá ser replicada por todo o final do século XIX e por boa parte do século XX.

## **O homem e a seleção natural de Darwin**

O livro tem trinta e sete capítulos. A expedição pelo interior do país só começa no capítulo XI. Até lá a grande maioria dos personagens nos será apresentada. O perfil de Benignus se adequa ao esquema do cientista bem formado e bem intencionado que se retira do convívio de seus semelhantes para se embrenhar no meio da natureza selvagem em busca de respostas para a vida humana. Ele acredita piamente no valor de uma verdade científica que levaria o homem inexoravelmente a se aperfeiçoar. Benignus passou a sua vida investigando a natureza e nós o conhecemos no primeiro capítulo, apresentado por um narrador que narra história como que de cima, como um relator objetivo de episódios cujo significado ele conhece:

O Dr. Benignus era um homem que se podia chamar de verdadeiro sábio.

Estudou até os cinquenta e dois anos, que tinha de idade ao travarmos conhecimento com ele, a ciência de Deus, a ciência da natureza e a ciência dos homens.

Chegou em seu espírito relativo a formar idéia mais ou menos clara do absoluto da divindade: observando a natureza, concebeu a grandeza das leis universais, que regem e transformam eternamente a matéria; mas quanto aos homens, nunca pôde compreender, e foi este um dos problemas cuja solução morreu sem encontrar.

Desde o início, portanto, a questão humana está no foco das preocupações do personagem. É um problema para qual ele não achou solução. Zaluar caracteriza

Benignus como um homem que tentou se adaptar à vida social. Seus estudos sobre o problema do homem foram iniciados no seio da própria sociedade brasileira:

E no entanto o Dr. Benignus não procurava, como Diógenes, na praça de Atenas, o homem isolado, o homem exceção, o homem moral verdadeiro produto da seleção de Darwin, não levava o seu humor sarcástico a ponto de interromper as lições de Platão com uma facécia de mau gosto; não o Dr. Benignus vivia no meio da sociedade de seu tempo, era casado, tinha três filhos e cada filho dous padrinhos, um de cada sexo, o que formava um todo de seis compadres; e morava em uma linda casinha nos arrabaldes da cidade, e cuja horta era o mercado gratuito da vizinhança. (p 33)

Essa situação de início estável vai ser perturbada justamente pela falta de compreensão que Benignus tem da espécie humana.

## **Nas trevas do coração humano**

Logo nos primeiros parágrafos do romance, o narrador declara que Benignus não tirava o próprio sustento, e de sua família, do seu fazer científico, mas do “mercado gratuito da vizinhança”. Essa gratuidade, no entanto, tem um preço alto. Benignus sente que é visto com uma certa reserva pelos outros homens com quem convive, o que lhe causa uma “triste solidão involuntária”, pois percebe que seus “compadres” tinham “medo que lhes viesse algum dia pedir alguma coisa” (p 34). Benignus concebe então uma “teoria de perspectiva social” que associada a outros eventos redundará na expedição científica ao interior do Brasil:

Já que o coração humano não pode viver sem afeições, dizia o sábio, e visto que os amigos de perto são – além de perigosos, impossíveis, criemos amizades ao longe, interroguemos as almas e os espíritos daqueles a quem não vemos os rostos, amemos a distância, nas avenidas longínquas, assim como se adoram os astros e se conversa com as estrelas, com Sírio, com Venus, com Júpiter, com o Sol, nos confins poéticos e luminosos do horizonte (p 34/5)

Benignus busca antes de tudo vida inteligente em outros planetas. Para tanto ele tenta decifrar as estrelas e outros astros celestes. Zaluar representa Benignus como um homem de ciência, espécie de naturalista, e como foi dito, consagrado à antiga astronomia e à então nascente biologia. A biologia aqui é a do naturalismo que se dividia entre a botânica e a zoologia, no estudo, respectivamente, da flora e da fauna de

uma região, país ou continente. No caso do livro em questão há de fato várias descrições de animais e plantas. Além disso, aspectos biogeográficos e etnológicos são apresentados no decorrer do romance, dando à trama uma certa densidade conceitual.

Embora *Benignus* seja movido pelas estrelas, a origem do homem e dos outros animais, é um tema recorrente no romance. O naturalista é figurado como um estudioso da também nascente antropologia. A “digressão humorística” brinca com os limites do homem em compreender sua própria história:

Quanto mais [o Dr. Benignus] estudava esse produto da época quaternária segundo uns, ou dos últimos períodos da época terciária, segundo outros, o homem – mais se convencera da verdade para ele inconcussa das conclusões científicas de Darwin e do materialismo de Büchner: o homem não é produto espontâneo da terra, é um aperfeiçoamento lógico na escala da criação, e por isso concluía com um grande filósofo alemão: - antes ser macaco aperfeiçoado, que Adão degenerado. (p 35/6)

O homem é um aperfeiçoamento lógico na escala da criação. O comprometimento com idéias transformistas é claro. Mas o transformismo é uma espécie de evolucionismo. O Doutor *Benignus* é o primeiro romance brasileiro a fazer menção a Darwin, e a tentar localizar a espécie humana em um processo de transformação que, a exemplo do que ocorre nos textos de Miranda Azevedo e Guedes Cabral, também posiciona certos povos humanos, os de raça branca, como o ponto mais alto de uma escala evolutiva. Para *Benignus*, e também para Zaluar, essa escala ou cadeia é produto do Criador e que a descoberta das Leis da Criação permite ao homem modificar a natureza no rumo certo do progresso. Mas esse seria o estado do “homem exceção, o homem moral, verdadeiro produto da seleção de Darwin”. O que se observa, para o Dr. *Benignus*, ao contrário, é um homem que prestes se destacou de um mundo bárbaro e brutal:

Pois é crível que o ente humano, geralmente tão disforme e monstruoso, tanto no moral quanto no físico, seja feita à sua semelhança, seja a imagem, o transunto do Criador? Não acredito. O homem, pelo contrário, conserva bem distinta todas as marcas da sua procedência inferior. Não é na depressão da orelha, acusando a sua origem pontuda, nem tampouco no osso cóccix, prolongamento de vértebras abortadas, que o homem mostra ser o produto aperfeiçoado do reino animal; não,

não é tampouco pela sua inteligência, **porque hoje está provado que** há menos diferença entre um chimpanzé e um negro do lago Alberto, que entre este e Newton ou Kepler; não, o que deixa fora de dúvida que o homem é não um ser perfeito, completo, a forma definitiva e grandiosa da criação, aquele que, depois de Deus, empunha o cetro do domínio universal, é o aborto, a monstruosidade do coração humano. (p 36)

## **Benignus e a origem do homem**

Zaluar segue apresentando as ideias de Benignus sobre a condição do homem. O homem não é “a forma definitiva e grandiosa da criação”. A Criação existe, Deus instituiu Suas leis. O homem pode descobri-las, a partir do conhecimento que adquire do mundo (“está provado que...”, na citação acima), mas esse conhecimento é restringido pelos nossos próprios limites em investigar uma Obra tão prodigiosa, que abarca a vida em toda a sua amplitude:

Infelizmente, vivendo no meio de uma sociedade que lhe foi madrasta e o preteriu sempre nos acessos a que lhe dava direito o seu talento, conhecia de sobra os seus semelhantes, estudara bastante a espécie a que pertencia, e no fim de contas, remontando a mais altos raciocínio, investigou a origem das **raças**, comparou o homem primitivo com o homem contemporâneo e entre as hipóteses antropológicas de Darwin e as conclusões unitárias de Quatrefages achou um abismo que a ciência humana talvez nunca poderá nivelar. O aparecimento do homem sobre a terra, concluía ele, não é um teoria, é um mistério (p 59).

O interesse de Benignus na questão das raças é um exemplo de que Zaluar está em dia com os assuntos de sua época. E nos traz para o coração do problema. As conclusões unitárias de Quatrefages, todavia, fazem pensar também no monismo de Haeckel, sua tese unitária de que a evolução de Darwin é parte de um processo progressivo de evolução, mais amplo, a qual estaria sujeita toda a matéria do universo, e não só as espécies de seres vivos. Para Haeckel só há matéria; o espírito, a mente, a subjetividade (o leitor moderno pode escolher o conceito de sua preferência) são apenas mais uma forma de manifestação material (HAECKEL, 1961,[1868]). Em todo o processo a matéria evolui, se torna mais organizada, mais complexa, mais progressiva.

Benignus não se detém ante a constatação da inferioridade humana. Nos termos de uma teoria da evolução cósmica ele pretende descobrir formas superiores de vida, formas que estejam mais próximas da perfeição do Ser que as criou. Benignus

Voltou-se então para o céu e contemplou o espaço, deixou a vista e a inteligência mergulharem-se no infinito das regiões siderais, porque assim lhe parecia estar mais próximo do princípio absoluto, da unidade moral, de Deus.

Considerando na harmonia das esferas e nas leis imutáveis que regem a criação inteira, sujeita, como a ciência acredita, à transformação dos elementos, reproduzida sob formas eternamente variáveis, convenceu-se firmemente da plurabilidade e da habitabilidade dos mundos, que giram na amplidão celeste para realização dos fins imperscrutáveis do Criador. (p 59).

Essa busca vai ser efetivamente deflagrada quando seu assistente científico Katini lhe traz uma folha de papel em que há o desenho de uma espécie de sol com olhos, narinas e boca, e a expressão “À Pora” escrita abaixo da figura (p 85). Benignus, comicamente, interpreta esse achado como forte indício de que o Sol é habitado por formas de vida com inteligência superior. Benignus por fim acaba tendo, em sonhos, um contato imediato com uma dessas criaturas luminosas próximas à divindade o que confirma ainda mais sua teoria da habitabilidade dos mundos.

Em toda a sua trajetória ressaltou a opinião negativa que Benignus tem da espécie de que faz parte:

O Dr. Benignus estava realmente cansado do triste espetáculo que apresenta a nossa humanidade, que reputava ou ainda demasiado rude, ou já profundamente gasta. Depois de quatro mil anos, segunda a cronologia mosaica, as tradições históricas das raças humanas, não obstante os períodos brilhantes, mas irregulares de sua civilização, oferecem mesmo nas épocas do mais elevado desenvolvimento intelectual, aberrações monstruosas que nem a inteligência nem a razão podem justificar (p 93)

## **A expedição e a origem do homem no Brasil**

Mas porque haveria esse hiato entre o elevado desenvolvimento intelectual e as aberrações monstruosas? Logo no início da expedição Benignus nos dá a resposta:



O indivíduo, dizia ele, sofre o influxo da área em que vive. Não é só o clima que influi sobre a atividade das raças, é antes de tudo o exemplo e o hábito. O homem ativo, no meio de um centro indolente, reage a princípio, mas vendo em torno de si arvorado o reinado da inércia, torna-se por fim também pusilânime e frouxo; o homem, pelo contrário, de natureza aparentemente menos vivaz, achando-se no meio de um centro trabalhador e enérgico, envergonha-se por fim de sua inutilidade, e vendo que só à custa do esforço pode viver, torna-se também empreendedor e diligente. Neste caso a fortuna de um indivíduo depende a maior parte das vezes de uma simples deslocação geográfica. Os americanos do norte, e pode-se dizer, que toda a raça anglo-saxônica, compreendem isto a tal ponto, que deslocando-se incessantemente, não só vão enriquecendo, mas dominando o mundo. (p 126)

Para Benignus então o clima, e mais ainda o hábito e o exemplo, determinam o temperamento de uma raça. A fortuna de um indivíduo depende a maior parte das vezes de uma simples deslocação geográfica. Ele considera que a raça branca norte-americana e anglo-saxônica é que soube melhor tirar proveito desse conhecimento e por isso é superior a todas as outras.

A expedição de Benignus cobre mais de três mil quilômetros, incluindo ida e volta. Além de Benignus fazem parte dela: Katini, M. de Fronville, James River. Nem todos personagens fazem parte da expedição como a mulher e os filhos do Dr. Benignus, os filhos e a mulher de William River, missionário inglês, pai de James River. A família River procura o Dr. Benignus em desespero pedindo-lhe que ajude a resgatar William desaparecido em uma de suas missões no interior do Brasil. Katini é o cozinheiro da expedição “filho da república peruana ..baixo e reforçado...”quarenta e oito a cinquenta anos de idade”, “feio como um botocudo e bom como as naturezas ingênuas” (p 60). Além de cozinheiro, Katini conhece razoavelmente bem a fauna brasileira, pois foi “empregado em casa de um empalhador de pássaros e colecionador de insetos” (p 63). M. de Fronville, parisiense, trinta e seis anos, consagrava-se ao estudo das ciências naturais e físicas, tomado conhecimento dos preparativos da expedição do Dr. Bemignus, procura-o, no intuito de oferecer seus conhecimentos para a viagem científica.

O Dr. Benignus é movido pela idéia de que há inteligência além da vida humana na Terra, lendo livros europeus como os de Camilo Flammarion, entre eles, *Pluralidade*

*dos mundos habitados* (p49). Nesse sentido Benignus lembra um pouco o Dom Quixote, de Cervantes, que lê os livros de cavalaria da idade média e pensa que são relatos fidedignos de acontecimentos da época, com seus gigantes e dragões. Benignus procura entes superiores aos humanos, por considerar que o *Homo sapiens* é um pequeno produto inferior de um processo de evolução cósmica que afeta a vida em todos os cantos do Universo. Por esse aspecto singelo ele lembra o Cândido, de Voltaire.

A expedição de Benignus, começa no capítulo XI, com “trinta pessoas e um acampamento com mais de sessenta animais para conduzirem os viandantes e a imensa quantidade de cargas” (p 124). Ela cataloga parte da fauna e flora das regiões por que passa, ao passo que de certa forma também cartografa os acidentes geográficos que encontra. A viagem de Benignus também se presta a resgatar, com sucesso, o missionário inglês William River, e apontar para um processo tutorial do homem branco de ciência na elevação espiritual e material de raças humanas, como as indígenas, ainda não tocadas pelo progresso e pela civilização.

Para tentar inscrever o Brasil no rol das nações civilizadas, Zaluar coloca na mente de Benignus a ideia de que o continente brasileiro é o mais antigo de todos e que a espécie humana teria surgido no interior do Brasil, mais especificamente, em Lagoa Santa, Minas Gerais, representado pelas populações indígenas que ali estavam à época do descobrimento. Esse argumento da antiguidade do país e de seus homens primitivos, Zaluar vai buscar nas ideias de Lund, que Benignus cita abertamente:

O nome do Dr. Lund é desde muito tempo conhecido e respeitado entre os homens de ciência de todos os países, e causa realmente estranheza como ainda não se acham traduzidas na língua pátria as obras do eminente sábio, em cujas profundas investigações se acham preciosos documentos para os estudos da remota antiguidade do continente americano.(p 161)

Termina por fim o infatigável naturalista [Lund], depois de um estudo sobre a unidade ou diversidade das raças e de profundas observações sobre a configuração geologia desta parte do continente americano, em toda a grande chapada, desde a serra do Mar até as cordilheiras dos Andes, abrangendo as cabeceiras dos maiores rios do mundo, provando que esta imensa região já se achava elevada acima do mar “ou que já existia como um continente extenso a parte do Brasil, quando as mais partes do mundo estavam ainda submergidas no seio do oceano universal, ou surgiam apenas como ilhas insignificantes, tocando assim ao Brasil o título de ser o mais antigo continente do nosso planeta” (p 164).

É importante assinalar que as datações geológicas feitas à época de Lund, Darwin e Zaluar eram ainda bastante precárias, que o fóssil humano mais antigo era de um Neandertal que era datado em cerca de cem mil anos. De qualquer forma Benignus segue o discurso de Lund para firmar também a antiguidade do homem no território brasileiro:

A existência do homem nesse continente [o americano] remonta-se aos tempos anteriores à época em que existiam as últimas raças dos animais gigantes, isto é, às idades pré-históricas.

Conclui daqui que a América já era habitada “em tempos em que os primeiros raios da história não tinham apontado no horizonte do velho mundo”, e que os povos que nessa remotíssima época habitavam nela eram da mesma raça que os que no tempo do descobrimento aí viviam (p 163/164).

## **O darwinismo de *O Doutor Benignus* e o aperfeiçoamento das raças**

Durante sua expedição ao interior do Brasil, O Doutor Benignus expressa algumas vezes sua concepção de darwinismo, sobretudo relacionado com o problema da origem do homem e seu parentesco com outras espécies de primatas. Assim ocorre quando seu cozinheiro e ajudante Katini captura um animal e discute seu aproveitamento como comida:

-Agora, veja que guardei para o fim o melhor, acrescentou Katini. Sabe que bicho é este?

-É um macaco. Um pequeno *orangotngo*, respondeu M. de Fronville.

-Exatamente, acudiu Katini. Mas este não vai ao caldeirão nem à caçarola, e já dei ordem para que nunca mais me matem destes animais.

-Estou curioso de saber que motivo te leva a poupar o macaco no desempenho de teus exercícios culinários? Perguntou o moço naturalista.

-O medo de ser antropófago, acudiu Katini, devorando sem respeito a carne provavelmente de algum de meus antepassados...em linha transversal! (p 202)

Em outro momento a expedição do Dr. Benignus encontra um crânio humano e as especulações que os personagens tecem em torno dele fazem transparecer o tipo de evolucionismo que está em jogo:

-É um crânio que, pelos seus caracteres, pertence inteiramente ao tipo da raça americana. Vê esse frontal deprimido e formando um quase ângulo recto com as órbitas? Isto não pode ser o resultado de uma pressão exercida sobre a cabeça, mas sim um característico osteológico da raça! Este crânio vale um milhão! (p 226)

-Não há dúvida que pertence esta caveira, perfeitamente conservada pelo tempo, ao tipo primitivo da raça americana. Os ossos estão calcinados e com todos os sinais de uma incontestável antiguidade. Este crânio é, por conseguinte, um dos mais importantes documentos das idades pré-históricas, que a Providência colocou em nossas mãos, a fim de concorrermos por nossa parte também para a solução do grande problema da remota existência do homem em nosso planeta (p 228).

-Acrescente-se a isto, observou M. de Fronville, que ao lado deste crânio e na mesma camada geológica encontrei os instrumentos que indicam ser de pedra lascada e os fósseis de animais inteiramente extintos (p 228)

Assim é também, mais adiante quando Katini conversa com Benignus e outros personagens acerca desse mistério que seria o aparecimento do homem sobre a Terra:

(...) Katini apresentou-se diante de seu amo e dos dois amigos que constantemente o acompanhavam e disse ao Dr. Benignus com ar de cômica importância:

- Sabe meu amo, que resolvi talvez esta tarde um problema que os seus amigos Darwin, Huxley ou Carlos Vogt em que tanto nos tem falado, não serão capazes de explicar em toda a vida de maneira satisfatória?

- A evolução das espécies?

- Da espécie humana. Descobri nada mais, nada menos, que esse misterioso indivíduo que marca a perfeita transição entre o gorila e o homem!

- Essa descoberta, interrompeu o sábio rindo, vai dar-te num lugar eminente entre os apóstolos da ciência antropológica.

- Mas como não sou egoísta, tornou o cozinheiro, quero partilhar esta invejável glória com meu amo e seus amigos. Não há dúvida, encontrei uma amostra, um exemplar precioso deste tipo, até hoje problemático.

- Mas onde achaste esse ente maravilhoso?

- Aqui perto, pescando à margem de uma lagoa.
- Descreve-nos a forma que tinha.
- A forma era pouco mais ou menos a de um macaco sem cauda.
- Em seu verdadeiro estado primitivo?
- Pior do que isso, meu amo. Tinha na cabeça um cocar de penas velhas; nos beiços e nas orelhas uns pingentes disformes, e por única vestimenta uma curta blusa de pano azul desbotado, com botões à militar, e o resto do corpo inteiramente descoberto.
- Por que não trouxe à minha presença, essa preciosidade do reino animal?
- Porque eu, que não sou capaz de atentar contra vida de um bugio, menos os serei de atentar contra a liberdade de um tão próximo parente da humanidade. (p 278/9)

A perfeita transição entre o gorila e o homem teria sido encontrada no território brasileiro, permitindo a Katini resolver o problema das nossas origens. Mas esse elo perdido não satisfaz a Benignus que reconhece nos espécimes encontrados apenas membros de populações indígenas dispersas sobre o vasto território nacional:

Verificando no dia seguinte a descoberta científica de Katini, tão favorável à teoria evolucionista de Darwin, o Dr. Benignus e seus amigos encontraram-se em face apenas de um selvagem da tribo dos gradaús, tão frequentes nas regiões desertas do Araguaia, pois esta nação é uma das mais importantes que ali habitam, levando a crer que são eles os caiapós, gorotirés, e talvez os próprios coroados, visto que falam uma língua, senão idêntica, pelo menos tão próxima como o português o é do espanhol.

O índio encontrado pelo original despenseiro exprimia-se na língua tupi, parecia ser de pura raça indígena, e era oriundo, segundo ele disse, da ilha do Bananal, onde existem algumas de suas aldeias.

Se bem que este encontro natural não pudesse dado algum positivo para a solução do problema da unidade das espécies, é certo que todavia que a ideia do peruviano [Katini] impressionou vivamente o espírito do sábio viajante.

No entanto bem sabia este que se em alguma parte da terra existe o tipo que marca a transição dos animais inferiores para o homem, não é, sem dúvida alguma, entre os aborígenes que povoam as matas de Goiás, pois além de pertencerem estes ao período em que já eram conhecidas as artes cerâmicas, são eles relativamente perfeitos em suas formas físicas podendo até dizer-se que são belos e ferozes canoieiros, distinguindo-se sobretudo por sua independência e por sua audácia...(281/2)

A essa altura, bem que Benignus gostaria de aprofundar seu conhecimento sobre as origens brasileiras do *Homo sapiens*, mas esse objetivo é posto aqui em segundo plano, em relação ao resgate do missionário inglês:

Quisera o Dr. Benignus estudar por esta ocasião o verdadeiro lugar que compete ao homem selvagem americano na série desigual da família humana sobre o nosso planeta e assim resolver importantes problemas psicológicos e fisiológicos em relação à doutrina transformista, que tanto terreno vai ganhando entre os primeiros naturalistas contemporâneos, mas a ansiedade de Jaime River, impaciente por saber do destino e empregar os meios de libertar seu pai [William River], pôde mais no ânimo do chefe da expedição, que os próprios interesse da ciência que se via pelo menos temporariamente obrigado a adiar. (p 310).

O encontro físico, por assim dizer, entre o homem branco brasileiro e os selvagens de raça inferior se dá exatamente por que foi possível localizar a tribo que raptou o missionário William River. Mas logo, desse contato, Benignus reconhece que talvez os selvagens não fossem destituídos de inteligência e coragem. O chefe dos Carajás assim se pronuncia sobre o seqüestro do missionário:

- O branco não está cativo, tornou Koinaman [capitão da tribo dos Carajás]. Os selvagens neste ponto são mais generosos que os homens civilizados. Os da tua nação matam os nossos irmãos ou ainda hoje fazem deles escravos; eu, porém, guardo o meu prisioneiro como um amigo e sou o primeiro a reconhecer a sua superioridade sobre nós.(p 317)

Benignus e seus companheiros expedicionários conseguem resgatar o inglês em um episódio rocambolesco em que um balão aerostático aparece nos céus de Goiás e põe em debandada a tribo indígena. A expedição em si termina com o resgate de William River termina aí. A volta até o morro do Condor não é narrada, mas o são as intenções de Benignus e do grupo expedicionário em relação a ilha do Bananal onde se encontrava a tribo dos Carajás. O romance se encerra com as projeções civilizatórias e científicas desse grupo:

Não pensem porém os leitores que o Dr. Benignus e seus amigos se entregavam às delícias de Cápua, uma vez instalados no morro do Condor.

O sábio colige suas notas e propõe-se a escrever um livro importante acerca da habitabilidade dos mundos, e particularmente o Sol, objeto constante de seus infatigáveis estudos astronômicos...

M.de Fronville, além da redação de suas notas de viajante naturalista na America do Sul, foi encarregado pelo Dr. Benignus e James Wathon de redigir os estatutos para a futura colônia agrícola na ilha dos Carajás [Bananal]

A ideia desta humana e civilizadora empresa, era finalmente o resultado prático da longa romaria que, através dos desertos de duas províncias interiores do Brasil [MG e GO], haviam empreendido e levado a termos o Dr. Benignus e seus companheiros.

William River consagra todos os seus momentos disponíveis a uma memória sobre os usos e costumes indígenas oriundos das matas de Goiás, que teve tempo de sobra de estudar a fundo, durante os meses que residiu no meio deles, e espera que seu trabalho seja muito bem acolhido pela Sociedade Geográfica de Londres e congresso internacional de antropologia.

Jaime River e os filhos do Dr. Benignus preparam-se, com estudos racionais e práticos para serem um dia grandes proprietários agrícolas na colônia da ilha de Santana, sonho dourado do sábio Benignus e seus amigos, pois querem fazer representar ali todas as nações principais, atraindo à civilização pela santa comunhão do trabalho, as raças ainda mergulhadas na indolência e no barbarismo (p 345/6)

## BIBLIOGRAFIA

.BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1995.

.CÂNDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira* (2 vols.) Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1993 (7ª edição).

.CARNEIRO, Fernando Lobo. Comentários ao romance *O Doutor Benignus*. In: ZALUAR, Augusto Emílio. *O Doutor Benignus*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994, p 13-17.

.CARVALHO, José Murilo de. **Benigna Ciência**. In: ZALUAR, Augusto Emílio. *O Doutor Benignus*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994. pp. 7-11.

Causo, Roberto de Sousa. *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil (1875-1950)*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

.HAECKEL, Ernst. *A História da Criação Natural*. Porto: Lello & Irmão, 1961 [1868].

.MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1979.

.Smaniotto, Edgar Indalecio. *UMA ANÁLISE DO CONCEITO ANTROPOLÓGICO DO “OUTRO” NA OBRA DO ESCRITOR AUGUSTO EMÍLIO ZALUAR* (Dissertação de Mestrado), USP Marília, 2007.

Smaniotto, Edgar Indalecio. A FANTÁSTICA VIAGEM IMAGINÁRIA DE AUGUSTO EMÍLIO ZALUAR: ensaio sobre a representação do outro na antropologia e na ficção científica brasileira. RJ: Ed. Corifeu, 2007.

.ZALUAR, ALBA. **América Redescoberta: O Civilizado Cientista e seus outros**. In: Augusto Emílio Zaluar. **O Doutor Benignus**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994. pp. 371-376.

.ZALUAR, Augusto Emílio. **O Doutor Benignus**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994

. \_\_\_\_\_ . **Peregrinação pela Província de São Paulo ( 1860-61)**. São Paulo: Ed. Itatiaia, USP, 1975. p. 5-9.